

BOLIVARISMO Y MONROÍSMO: DOUTRINAS AMERICANAS NA VISÃO DE INDALECIO LIÉVANO AGUIRRE

Andreza de Melo Lima

Franslynn Sellynghton Silva do Nascimento

Rebeca Venancio Coutinho¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo mostrar, historicamente, como o continente americano foi influenciado no século XIX por duas grandes e revolucionárias ideologias políticas. De um lado, os norte-americanos proclamaram a Doutrina Monroe: “América para os americanos” e, de outro, um revolucionário venezuelano, influenciado pela Revolução Francesa, tenta unificar as colônias espanholas para torná-las independentes da coroa. Mesmo não conseguindo seu intuito original, Simon Bolívar ainda consegue estabelecer um domínio tal, que gera o hoje chamado Bolívarismo. Com base nestas duas expressões sociopolíticas, busca-se compreender como, e em que contexto, se estabeleceu suas diferenças ideológicas, analisar quais as controvérsias entre as duas doutrinas em seu contexto histórico através de Indalecio Liévano Aguirre em sua obra intitulada *Bolívarismo y Monroísmo*. Liévano Aguirre tem uma postura parcial em relação a Doutrina Monroísta, que ele tenta expor por meio de discussões sobre os acontecimentos históricos que, segundo sua opinião, foram nada mais do que um complô premeditado para impedir os avanços bolivaristas na América Hispânica.

Palavras-chave: Bolívarismo, Monroísmo, América Hispânica, Indalecio Liévano Aguirre

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo mostrar cómo la historia del continente americano en el siglo XIX fue influenciada por dos grandes ideologías revolucionarias y políticas. Por un lado, los estadounidenses proclamaron la Doctrina Monroe: “América para los americanos” y por el otro, un revolucionario venezolano, influenciado por la Revolución Francesa, trata de unificar las colonias españolas para que sean independientes de la corona. Aún que no tenga alcanzado su intención original, Simón Bolívar estableció un gran dominio que es lo que genera hoy el llamado bolívarismo. Sobre la base de estas dos expresiones socio-políticas, se busca entender cómo y en qué contexto, se establecieron sus diferencias ideológicas, analizando en su contexto histórico las polémicas entre las dos doctrinas a través de la visión de Indalecio Liévano Aguirre en su obra titulada *bolívarismo y Monroísmo*. Liévano Aguirre tiene una actitud parcial contra la Doctrina Monroe y trata de exponer a través de la discusión de los acontecimientos históricos que, en su opinión, la misma, no era más que un complot premeditado para evitar los avances bolivarianos en la América hispana.

Palabras clave: Monroísmo, Bolívarismo, Hispano América, Indalecio Liévano Aguirre.

INTRODUÇÃO

Esta resenha tem como intuito abordar, historicamente, o surgimento de duas doutrinas influentes do continente americano, com seus respectivos processos de consolidação política e popular. Para compreender esses processos, ocorridos no século XIX, observar-se-á a interpretação de Indalecio Liévano Aguirre.

Indalecio Liévano Aguirre foi historiador, político e estadista colombiano. De acordo com Lopez (1982), Liévano Aguirre teve proeminência no cenário político internacional. Ele nasceu em 24 de julho de 1917, em Bogotá, falecendo em 29 de março de 1982 na mesma cidade. Aguirre foi ba-

¹ Alunos de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

charel em Filosofia e Letras, em 1939, graduando-se, também, nas áreas de Direito, Ciências Sociais e Econômicas em 1944.

A ascensão de Aguirre como pensador influente no meio intelectual colombiano deu-se ao término da monografia de graduação. A monografia possuiu alta relevância para o mundo acadêmico, na qual abordou, historicamente, a biografia de Rafael Núñez². Por meio desse trabalho recebeu honras como membro correspondente da Academia Colombiana de História. Liévano defendeu e retomou Nuñez como líder liberal³ e, posteriormente, foi elevado a categoria de pesquisador sênior; cinco anos mais tarde, teve sua posse formal.

Na condição de diplomata e político, Aguirre desenvolveu importantes trabalhos e ocupou cargos de altíssimos níveis. Ele foi nomeado como secretário privado da Presidência da República durante o governo de Alfonso López Pumarejo. Atuou como encarregado dos negócios colombianos, em Londres, foi nomeado ministro plenipotenciário da Colômbia em Cuba. Conselheiro da delegação da Colômbia na OEA e secretário da delegação colombiana na Conferência de Comércio e Emprego em Havana. Também membro de várias delegações, nacionais e internacionais, embaixador permanente da Colômbia nas Nações Unidas.

Dedicou, ainda, sua vida a atividade política onde foi eleito como representante da Câmara no Congresso Nacional. Senador da República e, posteriormente, Ministro de Relações Exteriores. Em 1976, foi eleito como o primeiro designado à Presidência da República. No mesmo ano, ao assumir o cargo de ministro delegatário, Aguirre deu início à primeira magistratura do país.

Foi um intelectual de renome não só dentro da Colômbia como em outros países. Sua maior paixão eram os estudos históricos e, entre suas obras de maior destaque, se encontram: *os grandes conflitos sociais e econômicos da nossa história*⁴; *o processo de Mosquera ante o senado* e a obra que serve de base para este estudo, *Bolivarismo e Monroísmo*.

Ao tratar dos fatos históricos sobre as Doutrinas *Bolivarista* e *Monroe*, Aguirre constrói um raciocínio crítico que tende a tendenciar os ideais bolivarianos como verdadeiras expressões de um político sensível e altruísta. Descreve-o como um líder que visava o estabelecimento político supranacional harmônico e fortemente estruturado com base em características comuns às Repúblicas (ex-colônias da Espanha), como religião e língua. Também transmite, ao leitor, a sensação de que a Doutrina *Monroe* surge da necessidade norte-americana e europeia, de enfraquecer o processo de desenvolvimento político bolivariano.

Esta, por sua vez, tinha como lema “América para os americanos” enquanto que Bolívar, após ter convivido e ser fortemente influenciado pela Revolução Francesa, criou um plano político de unificação das já extintas colônias espanholas a fim de torná-las totalmente desvinculadas das potências europeias. Porém, o autor mostra como Bolívar, mesmo não conseguindo seu intuito original, conseguiu estabelecer um domínio político de grande relevância, que gerou na atualidade o Bolivarismo.

2 Rafael Núñez (1825- 1894). Político, escritor e jornalista colombiano. Destacado intelectual de seu tempo. Três vezes presidente, colombiano nos anos 1880, 1884 e 1886 foi considerado “el regenerador” em função das reformas políticas e da promulgação da constituição de 1864.

3 Conforme Aguirre, Núñez foi o construtor do estado colombiano, devido a sua grandiosa atividade na vida pública. Aguirre argumenta que o federalismo, a intervenção do estado para a proteção da economia, a tolerância religiosa, a centralização política e os interesses individuais limitados pelo interesse social, foram as premissas básicas para o moderno liberalismo colombiano.

4 Quando o autor fala de “nossa história”, se refere à história colombiana.

Com base nestas duas expressões ideológicas, este trabalho busca compreender como, e em que contexto, suas diferenças ideológicas⁵ se estabeleceram. Analisar quais as controvérsias que existem entre as duas doutrinas, respeitando contextos históricos, que são mostrados por Aguirre como processos desonestos no que se refere às “traições” de plenipotenciários e das nações falsamente aliadas, para com Bolívar e sua causa.

Tendo este argumento em mãos, Aguirre cria e discute o termo “Estados Desunidos do Sul”, que se explica pela dificuldade que Bolívar encontrou ao tentar unificá-los por meio de seus ideais, mas que foi frustrado devido aos acordos feitos entre algumas dessas Repúblicas e que acabaram, posteriormente, levando-as a se vincularem com os Estados Unidos do Norte, aqui representados pelos Estados Unidos da América.

De forma geral, Aguirre se mostra *bolivariana* e a obra remete o leitor a uma visão pessimista em relação ao *Monroísmo* ao mesmo tempo em que exalta Bolívar como um ser humano dotado de grande altruísmo e sensibilidade para com os seus patrícios. Porém, seu argumento deve ser visto com muito cuidado.

HISTÓRICO DAS DOCTRINAS

Aguirre (2006) mostra que as divergências quanto a administração política no continente americano surgiram logo após o término dos conflitos entre espanhóis e as distintas comunidades americanas em *Ayacucho*. Esperava-se que, após os 14 anos de guerra, a América Ibérica conseguisse superar os antagonismos entre suas nações de maneira unida.

No entanto, tratava-se de um reflexo enganoso dos povos que acreditavam ganhar o direito de abandonar seus deveres com relação ao passado e ao futuro, e que estavam resolutos esperando que o decorrer da própria história ditasse seus caminhos, ou seja, os povos acreditavam que naquele momento haviam adquirido o poder de resolver com autonomia seus próprios destinos.

Na visão do autor, os povos americanos não percebiam que a vitória alcançada em *Ayacucho* não representava apenas um livramento por parte do exército americano, mas que haviam conseguido a liberdade dentro do contexto político mundial, e do mundo de radicais oposições entre o mundo tradicionalista e conservador – representado pelos soberanos ligados a Santa Aliança – e os demais povos que queriam distanciar-se desse regime vigente que havia sido imposto na Europa.

Mediante a falta de orientação desses povos, que não sabiam o que fazer com a independência e a soberania conquistada, surgiu a necessidade de se criar a consciência americana⁶, a qual, posteriormente, se transformou no ideal revolucionário proposto por Bolívar para levar os povos já independentes a conviverem harmonicamente dentro de um sistema político estruturado por meio de um grande bloco de relações: econômicas, culturais, religiosas, entre outras.

Sobre este fondo, cargado de transcendentales incógnitas, comienzan a perfilarse las fundamentales discrepancias que habrán de separar a Bolívar de los patriados americanos y de los hombres que habían ganado su prestigio por la manera como representaron o deseaban representar los intereses de esos patriados. El conflicto tendría caracteres tanto más agudo cuanto

5 Entende-se ideológicas como sendo conjunto de crenças que norteiam as ações de grupos em determinado tempo e espaço.

6 Termo empregado por Simon Bolívar quando percebeu a inutilidade de seus esforços para formar batalhões e que por conta disso, sente que perde sua fé no apoio dos povos para a causa da independência.

que él se fundaba en una tajante disparidad de opiniones con respecto al tipo de sociedad que convenía organizar en los antiguos dominios de España y a la desprevisión o vigilancia que se requerían para proteger a Hispanoamérica de las nuevas presiones imperialistas que la circundaban. (AGUIRRE, 2006, p.11)

Aqueles que, na época da guerra detinham o poder político, acreditavam que, mesmo com o seu término, deveriam manter-se como seus detentores, pois eram ricos e influentes, acreditando piamente serem os únicos capazes de representar “[...] la civilización frente a la barbarie del pueblo, de los indios y de las razas de color.” (Aguirre, 2006, p.11), no entanto, os anglo-saxões norte-americanos consideravam essa elite *criolla*⁷, como os verdadeiros detentores do saber político, principalmente por serem, também os detentores do poder econômico.

O fato de terem poder político e econômico fazia com que fossem visados pelos anglo-saxões, pois ainda existia a possibilidade de que a Espanha resolvesse invadir uma vez mais suas antigas colônias para retomar os seus domínios e, se os dirigentes *criollos* se associassem aos Estados Unidos, acabariam aderindo à política anglo-saxônica – em particular, a doutrina Monroe.

Assim, surgem duas doutrinas que buscam promover uma integração a nível continental. Entre elas, surge primeiramente, segundo Aguirre (2006), o *bolivarismo* que corresponde a uma ideologia do século XIX, fundada por Simon Bolívar, que tinha como objetivo criar uma Liga Anfictiônica entre os Estados hispano-americanos no período do pós-guerra. Portanto, pode-se definir o *bolivarismo* como sendo a idealização de um modelo político inovador que visava a unificação hispano-americana por meio da construção de uma Liga supranacional que permitisse a cooperação internacional de âmbito socioeconômico, militar, religioso e político entre os Estados membros.

El sueño de la integración latinoamericana es marca de nacimiento de la era republicana en la región, como lo es la postergación de ese mismo sueño en los dos siglos que le han seguido. Baste evocar las epopeyas de los libertadores, sobre todo Bolívar y San Martín, como símbolo y emblema de esta vocación americanista que en la partida estuvo poblada de utopías románticas. La idea de la Gran Colombia es la mejor ilustración de este sueño (que buscaba unificar parte de lo que hoy son Colombia, Venezuela, Panamá y Ecuador). (BÁRCENA & HOPENHAYN, 2010, p.42).

O *Monroísmo*, por sua vez, foi, segundo Landes (1998), um ato unilateral do Presidente norte-americano James Monroe, e que Aguirre (2006) também comenta ao mostrar que tal ato teve grande influência no *Foreign Office*⁸ por meio da figura do Ministro J. Canning. Monroe, e que este temia as aspirações bolivarianas de supranacionalidade, principalmente no que se referia ao âmbito do livre comércio entre os Estados membros da Liga, bem como do movimento antiescravista idealizado e liderado por Bolívar. O autor comenta que existia a constante ameaça da França de ocupar a posição da Espanha como nação colonizadora e a Grã-Bretanha precisava do apoio dos Estados Unidos para poder contrapor o avanço do bolivarismo.

Mientras Adams presentaba, en el gabinete, toda clase de inteligentes razones para contrarrestar los argumentos de los ex presidentes, en Europa llegaban a su culminación las laboriosas negociaciones adelantadas entre el Foreign Office y la Cancillería Francesa y el propio Canning y el duque de Polignac, embajador de Francia en Londres. El desenlace de estas negociaciones se protocolizó, el 9 de octubre de 1823, en el célebre documento denominado en la historia diplomática Memorandum Canning-Polignac, en cuyo texto se desligaba Francia de la Santa Alianza y se comprometían a renunciar a sus aspiraciones políticas y

7 Termo utilizado na época para denominar os povos nascidos no continente latino-americano.

8 Ministério Britânico dos Negócios Estrangeiros.

territoriales en el nuevo mundo, reconociendo, en esta forma, que a las potencias europeas de la Santa Alianza – como Rusia, Austria, Prusia y la misma Francia –, no les era posible comprometerse en operaciones masivas en el continente americano, porque su poder residía principalmente en las fuerzas de tierra y carecían de flotas marítimas capaces de enfrentarse a la indiscutible hegemonía de que era dueña Inglaterra en todos los mares. (AGUIRRE, 2006, p.31)

Nesse contexto, o embaixador norte-americano Rush tentou enviar uma correspondência para Washington, comunicando o teor do *Memorandum Canning-Polinac*, porém, tal ação foi demasiado tardia, porque o presidente James Monroe, seguindo o conselho de seu Secretário de Estado John Quincy Adams, resolveu aproveitar algumas incursões pesqueiras no pacífico norte do Estado Russo, para declarar, sem a participação da Inglaterra, a doutrina Monroe, no dia 2 de dezembro de 1823.

O *monroísmo* foi, portanto, uma ação que visava inicialmente, a manutenção hegemônica inglesa no continente americano e se diferencia do bolivarismo em dois aspectos específicos. O primeiro é a questão geográfica e o segundo, a questão colonizadora e cultural – que é uma característica do bolivarismo. Ambas as doutrinas possuíam finalidades comerciais, mas diferentemente da idealizada por Bolívar, que visava também a unidade cultural, comercial e política, o *monroísmo* preocupava-se apenas com os aspectos econômicos proporcionados por esta.

O BOLIVARISMO NA VISÃO DE AGUIRRE

Lopez (1982) mostra que Aguirre fez considerações significativas sobre a historiografia revisada da Colômbia, pois tinha como interesse, rever marcos tradicionais da investigação histórica na interpretação de conflitos e frustrações sociais de massa, bem como, no estudo dos governos colombianos e hispano-americanos e na análise humanística dos seus heróis. Em sua obra *Bolivarismo y Monroísmo*, Aguirre faz uma comparação entre as duas ideologias, o Bolivarismo hispano-americano de Simon Bolívar x a Doutrina Monroe do imperialismo norte-americano que compuseram parte do século XIX.

Aguirre (2006) mostra que, na sua ideologia de construção da Liga, Bolívar via como características necessárias, para sua consolidação a) o caráter abandeirado – já que sem a vinculação de uma bandeira todos teriam a mesma importância, b) a cidadania hispano-americana, fazendo com que houvesse um crescente sentimento de nacionalismo nesse âmbito; c) o regime de comércio preferencial para os membros da Liga, visando o desenvolvimento da América hispânica; e d) a cultura indo-afro-espanhola, pois Bolívar não se vinculava a questões geográficas, mas a tópicos culturais e colonizadoras.

A intenção de Bolívar era criar uma Liga perpétua entre as antigas colônias espanholas, que teriam como vínculo principal a língua e a religião, e por meio de tratados, se obrigariam a não compactuar com os países não membros sem que houvesse um consentimento prévio da Liga. Além destas características, ela teria uma sede própria e permanente, contando com a presença de órgãos institucionais de caráter supranacional, uma autoridade que exercesse funções regulares e devidamente definidas pelos Tratados, bem como um exercito de 20 mil homens que poderia ser ampliada para até 100 mil em tempos de guerra. Para o autor, essa é a principal diferença entre o ideal bolivariano e o pan-americanismo derivado dos anglo-saxões.

A assembleia de plenipotenciários deveria ser permanente para que os povos hispano-americanos se acostumassem com a existência de uma autoridade comum. Embora Bolívar concordasse que o primeiro congresso dos plenipotenciários acontecesse em Istmo no Panamá, a sede da liga deveria ser em uma área central sul-americana, para a comodidade dos representantes dos estados membros, como exemplo Quito ou Guayaquil.

O autor argumenta, ainda, que Bolívar tinha ideais inovadores e mostra alguns dos principais fatores que foram primordiais na frustração desse sonho de integração, entre os quais a traição de Santander⁹. Este, era contra os ideais bolivarianos, e por conta disto, se comunicava secretamente com Canning e, em meio a essas conversas, acabou por convidar os Estados Unidos da América para participarem do Congresso do Panamá, dificultando assim a consolidação da Liga como idealizava Bolívar. O fracasso do congresso de Istmo no Panamá e a política antibolivariana da qual participavam Argentina, Chile, EUA, Inglaterra e Peru.

A aspiração de Simon Bolívar era a de que os Estados Signatários se comprometessem a defender e manter, em seus respectivos territórios, instalações democráticas e a abolirem do continente hispano-americano a escravidão dos negros bem como, dos tratados internacionais de escravização. Isso mostra como Bolívar incitou contra si o ‘ódio mortal’¹⁰ de boa parte da oligarquia colombiana por seu enfrentamento ao feudalismo escravista e aos defraudadores do Tesouro.

O MONROISMO NA VISÃO DE AGUIRRE

Aguirre (2006) defende que a Doutrina Monroe teve sua origem na Inglaterra e que o antiescravismo pregado por Bolívar suscitou temor nos gabinetes políticos em Londres, Washington, Paris, São Petersburgo e Viena. O autor assinala também as oposições entre o imperialismo britânico e norte-americano, enumerando e analisando fatores que contribuíram para a frustração do ideal revolucionário do “Libertador”. Com a crescente popularidade do ideal bolivariano nas antigas colônias espanholas, os Estados Unidos se veem diante de um impasse, o de permitir que a política bolivariana se consolidasse ou destruir esses ideais antes que eles se expandissem.

Nesse contexto, os Estados Unidos passaram a agir de maneira que a ascensão de Bolívar fosse desacelerada e, durante o período de administração da expansão hispano-americana, anexaram ao seu território parte do México. Mostraram seus reais planos de desabilitar o possível poder da América Latina e se consolidaram como potência econômica detentora do poder hegemônico na América.

A ideia de evitar o desenvolvimento da Liga hispano-americana bolivariana nasceu na Inglaterra e foi denominada como Doutrina Monroe porque os norte-americanos, por meio do presidente James Monroe, a utilizaram para competir fortemente com o mercado comercial da América Latina. Seu intuito principal, além de visar os aspectos econômicos, era integrar parte do espaço americano ao seu território a fim de, por meio deste, ter acesso ao oceano Pacífico e conseqüentemente, alcançar o mercado chinês¹¹.

9 Além de general, Santander era também o vice-presidente da Colômbia. Homem conservador e legalista tradicional, metódico, e, por isso, não abria espaço para novos estilos de administração política.

10 Termo usado por Manuel Alfredo Rodríguez no prólogo da obra.

11 Dado histórico abordado pelo Dr. Argemiro Procópio durante a palestra Diplomacia e desigualdade ocorrida na UFRR em 2011.

O autor mostra ainda que o *Memorandum Canning-Polinac*, o primeiro tratado entre europeus que restringia a volta da dominação destes países no território americano, motivou o plenipotenciário dos Estados Unidos a pronunciar em uma simples sessão executiva, a Doutrina Monroe.

Nos círculos diplomáticos europeus esse anúncio foi entendido como uma piada¹². Para os estadistas norte-americanos a doutrina se limitava a anunciar uma possível intervenção estadunidense, porém, somente nos territórios pelos quais tinham algum interesse nacional. Tal expressão de poder fica exposta na citação de Aguirre, que mostra um trecho da mensagem enviada ao Congresso no dia 2 de dezembro de 1823 e que é considerada como a histórica Doutrina Monroe:

La nación norteamericana [decía el presidente] está consagrada a la defensa de nuestro sistema, formado a costa de tanta sangre y tanto dinero, y madurado por la sabiduría de sus más sabios ciudadanos, sistema bajo el cual hemos alcanzado una felicidad sin ejemplo. La sinceridad y relaciones amistosas que existen entre los Estado Unidos y aquellas potencias [las europeas], nos obligan a declarar que consideraríamos peligroso para nuestra paz y seguridad cualquier tentativa de parte de ellas que tengan por objetivo de extender su sistema a una porción de este hemisferio, sea la que fuera. (AGUIRRE, 2006, p.32)

Logo, alguns governantes latino-americanos acreditavam que o pronunciamento de James Monroe seria um ato de altruísmo ou de amizade para com as nações do sul. Na visão dos estadistas norte-americanos, o *monroísmo* se limitava a fazer uma intervenção somente nos territórios nos quais os Estados Unidos fossem obter algum tipo de benefício.

CONTEXTO HISTÓRICO

Para que seja possível compreender a história dos acontecimentos nas relações internacionais, principalmente no que condiz as divergências entre duas doutrinas, Monroísmo e Bolívarismo, Aguirre (2006) sugere que é importante analisar os discurso dos protagonistas. O autor traça um panorama histórico da doutrina bolivariana, bem como comparações entre ela e o Monroísmo.

Segundo Aguirre (2006), a história começa a perfilar com os primeiros sinais de oposição à Liga hispano-americana, as quais permaneceram latentes até o momento em que Bolívar fez seu convite oficial para o Congresso de Istmo. Os convites fizeram com que as dúvidas e reservas dos plenipotenciários fossem dissipadas e, também, tiveram o efeito de mostrar aos adversários uma realidade que não havia mais como ignorar.

O autor segue comentando que a ação de Bolívar de convidar as nações americanas de fala espanhola para participarem do congresso de Istmo, no entanto, fez emergir entre elas, algumas resistências. Isso porque a possibilidade de exercer um poder político ilimitado dentro de cada uma destas nações era o desejo de alguns dirigentes, e eles se apossaram da possibilidade. Ao mesmo tempo, no cenário internacional, surgem os primeiros indícios de desconfiança das grandes potências diante da possibilidade de que os hispano-americanos se integrassem politicamente em uma organização federal, a qual poderia gerar novos meios de equilíbrio do poder, afetando todo o mundo.

Enquanto todas essas informações circulavam ferozmente no mundo político internacional, o ministro Canning chamou a seu escritório o diplomata colombiano Hurtado, para reclamar dos objetivos anunciados no congresso do Panamá. Estas reclamações foram comunicadas apressadamente

12 Segundo o autor, causou risos nos círculos diplomáticos.

ao General e Vice-presidente Santander, o qual lhe deu a liberdade para agir por sua conta e risco no *Foreign Office*, e este desfez as dúvidas do ministro quanto a ideia de que a Liga seria formada para atuar contra a Europa e que tinha como objetivo, deixar de fora ‘o Império do Brasil para converter toda a América em Estados populares’ (AGUIRRE, 2006, p. 50).

Porém, Bolívar tinha consciência das transcendentais questões que estavam em jogo no congresso do Panamá e, por isso, se esforçou para convencer Santander da importância do projeto de integração e esse esforço foi justificado por Bolívar ao mostrar como a presença do mesmo na preparação e desenvolvimento no congresso do Istmo era relevante, devido sua influência política como vice-presidente da Colômbia, a qual era, na época, a República de maior influência internacional. Mesmo assim, na visão do autor, Santander não era a pessoa mais indicada para a função esperada por Bolívar, porque tinha uma personalidade conservadora, legalista e burocrática que o impedia de compreender o grande projeto de Simon Bolívar.

Santander, após convidar secretamente os Estados Unidos para participarem no Congresso do Panamá, se viu obrigado a explicar para Bolívar a razão de sua conduta e Aguirre mostra um trecho de sua nota explicativa, onde consta o argumento de que:

Con respecto a los Estados Unidos [le escribía] he creído conveniente invitarlos a la augusta Asamblea de Panamá en la firme convicción de que nuestros íntimos aliados no dejarán de ver con satisfacción el tomar parte en las deliberaciones con el interés que corresponden a unos amigos tan sinceros como ilustrados. Las instrucciones que con este motivo se han impartido a nuestro enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario en Washington, de que le acompaño copia, os impondrán extensamente de los principios que me han estimulado a tomar esta revolución. (AGUIRRE, 2006, p.52).

Bolívar contesta esse princípio dizendo que não seria possível estabelecer esse pacto, levando em consideração que ‘[...] un pacto con un mundo entero viene a ser nulo em realidad’ (AGUIRRE, 2006, p. 52). Aguirre diz que, além desses fatores, o convite enviado também ao Governo Inglês foi o resultado da curiosa¹³ maneira como Santander entendeu as sugestões que lhe foram feitas por Bolívar, no sentido de que estudasse as possibilidades de estabelecer um acordo entre a Grã-Bretanha e a Liga das Nações hispano-americanas, caso esta se constituísse. No entanto, era necessário inicialmente que, antes desta ação prematura de Santander, houvesse a organização da Liga no Panamá e só posteriormente o estabelecimento do pacto de aliança entre as duas entidades definidas de poder.

A comunicação do governo britânico por Canning se opõe a investidura da Inglaterra, como Estado parte do Congresso do Panamá, mas que permaneceria em uma posição neutra caso houvesse em uma luta entre Espanha e os domínios americanos. Canning faria um acordo entre as partes em conflito, desde que as Repúblicas Hispano-americanas pagassem uma quantia para a Espanha reconhecer a independência. Este montante, como diz Aguirre (2006) seria destinado a cancelar a dívida contraída com a França. Ocorre semelhante acontecimento entre o conflito de Portugal e Brasil, em que Canning permanece neutro para conseguir vantagens comerciais exorbitantes dos dois países em contencioso.

O *Foreign Office* tinha interesse em que a Colômbia fosse um instrumento para reafirmar a emancipação do Império do Brasil, sem que a Grã-Bretanha aparecesse como inimiga de Lisboa. Assim Santander ignorava as incursões do exército brasileiro em Mojo e Chiquitos, enquanto Bolívar

13 Trata-se de uma inferência do próprio autor em seu texto.

estava em Potosí, e permitiu ao ministro Hurtado, enviar um convite para o Império do Brasil a fim de que este também fizesse parte no Congresso de Istmo.

É importante mencionar a atuação de outras chancelarias, como a Argentina, que foi convidada por Bolívar para participar do congresso do Panamá. O chefe de Governo, General Las Heras, se viu em um difícil dilema: o de reconhecer ou não a necessidade que teria a República Argentina de adquirir apoio militar do Libertador para reivindicar o território usurpado pelo Império do Brasil. Porém, Las Heras, entendeu que Bolívar não proporcionaria ajuda militar para a Argentina.

No mesmo período, e para agradar a aristocracia, o governo do General Ramón Freyre em Santiago se opôs à concorrência chilena ao Congresso do Panamá. Desta forma, conseguiu impedir o envio dos seus plenipotenciários, mas, ainda insatisfeito, se associou a Buenos Aires na política antibolivariana e negociou com este, um tratado de aliança. Havia então um constante debate sobre a possível assistência do México no Congresso do Panamá, mas existia também a forte pressão do *Canciller* Alamán e do Ministro estadunidense Poinsett devido às negociações do Tratado de Comércio entre os dois países. Essa pressão fez com que o México se tornasse a favor da inserção tanto dos Estados Unidos como do Brasil na futura Liga.

A participação das Províncias Unidas¹⁴ da América Central foi confirmada mediante ao tratado celebrado em Bogotá. Este, por sua vez, obrigava as partes contratantes a terem uma aliança perpétua. Inicialmente, o Peru aparentava ter sua presença confirmada na Liga, mas nesse interim, começou em Lima uma série de reações negativas à política hispano-americana de Bolívar por conta da volta da influência da aristocracia peruana, fazendo com que nascesse um nacionalismo anticolombiano e antibolivarista, os quais consequentemente possibilitaram o distanciamento entre Peru e Colômbia.

Os Estados Unidos contavam com a assistência de Pedro Gual Escandon¹⁵ pois tinha o intuito de que os colombianos adotassem suas medidas de administração política – neste caso a Doutrina Monroe – responsável por fazer aflorar os problemas das Repúblicas hispano-americanas. É nesse contexto que Henry Clay (1777- 1852)¹⁶ sugere que o *monroísmo* e o pan-americanismo deveriam se unificar e que, os Estados Unidos deveriam deixar de desrespeitar os povos hispano-americanos. Clay foi contra a Doutrina Monroe e por isso, foi recebido com hostilidade nos Estados Unidos. Seu comportamento é descrito pelo autor da seguinte maneira:

Deberíamos [escribía Clay] convertirnos en el centro de un sistema que constituya el foco de reunión de la sabiduría humana contra el despotismo del Viejo Mundo [...] Seamos leal y verdaderamente americanos, y situémonos a la cabeza del sistema americano.' Clay tuvo el mérito [...] de haber comprendido tempranamente la importancia de establecer una estrecha aleación entre el monroísmo y el panamericanismo y de haber puesto en tela de juicio con sus penetrantes críticas, la eficacia del menosprecio olímpico que profesaba Adams a los pueblos hispanoamericanos. Él entendió que la política imperialista de los Estados Unidos, en cuyos objetivos esenciales estaba de acuerdo con Adams, necesitaba de métodos de infiltración más sutiles, de técnicas más refinadas, y que el proceso de independencia y la organización institucional de las repúblicas del Sur debían ser permeados y dirigidos por la ideología norteamericana, lo cual explica su impaciencia por conseguir que los Estados Unidos tomaran la iniciativa en la organización del sistema panamericano. (AGUIRRE, 2006, p. 61).

14 Segundo o autor, o termo deveria ser “Estados Desunidos” do Sul.

15 Ministro Colombiano nos Estados Unidos.

16 Político norte-americano e importante intelectual da época que, segundo Aguirre, era a favor do Bolivarismo. Foi presidente da câmara dos representantes no governo Monroe, e secretário de estado do governo de John Quincy Adams.

Aguirre (2006) mostra que os Estados Unidos passaram por uma guerra pela independência que ocorreu entre 1775 e 1783 e já eram governados pelo seu quinto presidente quando foi declarada a Doutrina Monroe. No mesmo período, Bolívar encontrou fortes dificuldades de pôr em prática seus ideais de integração na América Latina devido às fortes interferências das instituições do antigo império espanhol, bem como, a não identificação regional do povo com seus ideais e, pela falta de alguém com a capacidade de substituir Bolívar na continuidade dos movimentos revolucionários.

O autor cita ainda que Monroe dizia que a sinceridade das relações amistosas que existam entre os Estados Unidos e aquelas potências europeias o obrigavam a declarar que era considerado perigoso, para a paz e segurança de todo o continente americano, a interferência, caso houvesse qualquer tentativa por parte delas, de estenderem seus sistemas a uma porção territorial do mesmo, seja esta qual fosse. Essa declaração feita por Monroe, segundo os dados históricos apresentados pelo autor, ocorreu dezoito anos após o discurso inicial de Bolívar, mais precisamente em dezembro de 1823 e, embora esta tivesse o caráter de “defender” quaisquer ameaças estrangeiras ao continente, tal doutrina tinha, em oculto, outras aspirações, a de desabilitar os ideais bolivarianos. Outro fator ainda relevante nesse contexto, que fica expresso, é que, mesmo sendo denominada como Doutrina Monroe, tal iniciativa não nasceu nos Estados Unidos, mas foi importada diretamente dos gabinetes de Londres.

Desta forma, o autor mostra que a reunião do congresso dos plenipotenciários idealizada por Bolívar acaba ocorrendo totalmente fora dos padrões por ele estabelecidos e no mesmo momento em que as Relações Externas dos Estados Unidos estão fortemente vinculadas à Doutrina Monroe e aos países a eles aliados.

Aguirre (2006) defende que Bolívar ficou extremamente desiludido quando viu as linhas gerais do que havia sido acordado no Panamá, e os mecanismos de colaboração idealizados pouco poderiam contribuir para a solidificação de uma estrutura supranacional capaz de gerar por si mesma e com autonomia, o poder requerido para a contenção do processo de desagregação das sociedades Hispano-americanas que estava fadado ao fracasso, já que o mesmo lutava pelo fortalecimento da cooperação em nível supra regional e boa parte dos países que fizeram parte do Congresso de Plenipotenciários fazia o trabalho inverso podendo ser citado como exemplo o favorecimento do nacionalismo. Na visão do autor fica claro que o Tratado de Istmo não era nada mais que a mistura de controvérsias e crises políticas, que terminaram fazendo com que o sentido inicial do mesmo não se consolidasse.

Mesmo com a falta de união hispano-americana Bolívar continuou buscando soluções que em menor escala conseguiram diminuir o processo de desagregação dessas nações – um exemplo é a famosa Confederação dos Andes que acabou sendo um substituto para o Congresso do Panamá. Seus esforços de restaurar a integração dos países Latinos não foram bem vistos pelas Repúblicas que não haviam participado do primeiro Congresso.

Por fim o autor mostra que os ritmos vitais que compuseram a personalidade de Bolívar não permitiram que este se acomodasse às limitações impostas pelo fracasso de sua primeira tentativa e que o Libertador não foi hispanoamericanista por simples idealismo mas porque compreendia os problemas básicos da sociedade de sua época as quais não podiam permanecer historicamente como resquício culturais de seus antigos colonizadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra que resume o pensamento de Aguirre quando defende a trajetória de Simon Bolívar pode ser traição. Chegar a essa conclusão é algo inevitável quando se lê a obra *Bolivarismo y Monroísmo*, porque a leitura remete a sensação de que Bolívar sempre teve ideias altruístas e que seus objetivos visavam uma relação inter-estatal harmônica, que não teve êxito devido às traições dos plenipotenciários que foram influenciados pelos planos norteamericanos (no qual agiam por meio de reservas) onde atuavam secretamente contra o “Libertador”, ao mesmo tempo em que discutiam a necessidade de novas análises e releituras dessas possíveis ações ideacionárias de Bolívar.

Bolívar propôs, de maneira ideal, uma estrutura política para a América de língua espanhola que, na sua época, não se concretizou. Mas que, nos dias de hoje se projeta fortemente no modelo adotado pela União Europeia. Sua real ambição era abolir a escravidão e manter os territórios nacionais, bem como o aparelhamento democrático e republicano, que existia nos Estados Unidos. Entre os sonhos bolivarianos está, sem dúvida, a importância da emancipação política para que a tão sonhada Liga adentrasse num modelo de modernidade.

O autor também repassa ao leitor, a sensação de que Bolívar foi traído inclusive pelas nações americanas que julgava serem suas aliadas e que estas, pouco a pouco, se separavam dos ideais da Liga Revolucionárias e se colocavam baixo a hegemonia da chamada outra América.

E é com base nesse argumento que podemos utilizar a mesma expressão de Aguirre quando fala dos Estados Desunidos do Sul x Estados Unidos do Norte, pois, devido a organização política dos EUA foi possível articular uma forte coalizão contra bolivarismo, enquanto este devido as dificuldades institucionais da América latina, recém independente, não conseguiu concluir a Liga Perpétua da Gran-Colômbia como havia sido planejado.

O autor descreve o Monroísmo como algo totalmente negativo, e isso se explica pela forte influência de seu gosto pelos estudos bolivarianos; tal direcionamento, se torna parcial a partir do momento em que ele defende o ideal revolucionário do Libertador e não mostra com igualdade tanto os possíveis lados negativos – que no caso de sua visão não existia – do bolivarismo, bem como os lados positivos da Doutrina Monroe.

Por fim, percebeu-se que para uma compreensão melhor adequada do tema discutido, é necessário que, por meio de outras óticas, se estabeleça uma correlação entre diversos autores e por meio da mesma se chegue a uma conclusão apurada, fundamentada e imparcial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIERRE, Indalecio L. **Bolivarismo y Monroísmo**. Colección Alfredo Maneiro – serie pensamiento social. Caracas, Venezuela: Ministerio de la cultura fundación editorial el perro y la rana, 2006.

_____. **Bolívar**. Prólogo de Mario Briceño Perozo. Edición actualizada. Caracas: Italgráfica, 1988.

BÁRCENA, Alicia; HOPENHAYN, Martín. **Bolivarismo, cultura y destino: 200 años nadando contra la corriente**. Instituto de Investigaciones Jurídicas de UNAM: México, 2010. Disponível em: <http://biblio.juridicas.unam.mx/libros/6/2923/5.pdf> Acesso em 28 de agosto de 2012.

LANDES, David S. **A riqueza e a pobreza das nações: porque algumas são tão ricas e outras são tão pobres**. Rio de Janeiro: Elsevier, 11ª edição, 1998.

LOPEZ, Javier Ocampo. **Liévano Aguirre y el revisionismo histórico**. Boletín de historia y antigüedades. Academia Colombiana de Historia, N 737 (abril-mayo-junio de 1982). Acesso Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Indalecio_Li%C3%A9vano_Aguirre Acesso: em: 07 de novembro de 2011.